

- PASSINI, Elza Yassuko. Alfabetização cartográfica e o livro didático: uma análise crítica. Belo Horizonte, Editora Lê, 1994, 94 p.
- TUAN, Iu-fu. Tradução de Livia de Oliveira. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo, Editora Difel, 1983, 250 p.
- SIMÕES, Edda Augusta Quirino; Klaus Bruno Tiedemann. Psicologia da percepção. São Paulo, Editora EPU, 1985, 123 p.
- SEBER, Maria da Glória; Vera Lúcia Freire Luís (colaboradora). Psicologia do pré-escolar: uma visão construtivista. São Paulo, Moderna, 1995, 271 p.
- MEREDIEU, Florence de. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra M. Nitrini. O Desenho Infantil. São Paulo, Editora Cultrix, 1974, 116 p.
- DUARTE, Paulo Araújo. Fundamentos de cartografia. Florianópolis, Editora Ufsc, 1994, 149 p.
- FERRANDO, Roberto. História da cartografia. Rio de Janeiro, Editora Georama, 1967, 239 p.
- JOLY, Fernando. A cartografia. Campinas, Papirus editora, 1990, 137 p.
- OLIVEIRA, Cêurio. Curso de cartografia moderna. Rio de Janeiro, IBGE, 1988, 152 p.
- RAISZ, Erwin. Cartografia geral. Rio de Janeiro, Editora Científica, 1969, 414 p.
- THROWER, N. J. Uma nova imagem do mundo, Correio da Unesco, volume nº 08, agosto de 1991, 19 p.

DESENVOLVIMENTO DA REPRESENTAÇÃO CARTOGRÁFICA DO PRÉ III À 4ª SÉRIE DO ENSINO FUNDAMENTAL – 7 A 11 ANOS

MÁRCIO ROBERTO GHIZZO, MARIA DELZI GUERRA E CHARLISLEY RICHARD
ZANETTI

Graduandos do Curso de Geografia - Universidade Estadual de Maringá
codomo@wnet.com.br

Segundo Lowenfeld, entre os nove e doze anos os desenhos das crianças adquirem uma conscientização maior: “os modos de expressão da fase precedente já não se ajustam à expressão dessa crescente conscientização”⁸. Motivados por este dinamismo na arte de representar das crianças, tomamos a iniciativa de realizar o presente trabalho, o qual tem por objetivo analisar a representação espacial desenvolvida por crianças de seis a onze anos aproximadamente, observando os progressos cartográficos nesta fase. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica com embasamento em disciplinas do curso de Geografia da Universidade Estadual de Maringá, como Prática de Ensino em Geografia I e Cartografia entre outras. Realizamos também pesquisa empírica com alunos que frequentam desde o Pré III à quarta série do ensino fundamental, da “Escola Estadual Zuleide Samways” de Maringá. Estes alunos foram convidados a representar em uma folha de papel A4 o trajeto percorrido pelos mesmos de suas moradias à escola, sem que recebessem influência de seus professores. Desta forma, espera-se que estas representações obtenham caracteres próprios e fidedignos da imaginação e percepção do espaço de cada aluno. Com este trabalho, pretende-se comprovar que a criança em desenvolvimento tende a transpor para sua representação o reflexo deste seu desenvolvimento. Como diria Lowenfeld¹, as crianças nesta fase “são muito mais observadoras de seu meio e que seu interesse em descobrir as minúcias da natureza pode ser apreciado na variedade de coleções feitas por meninos e meninas”. Assim, esperamos que apresentem aperfeiçoamento, conforme a idade de seus autores aumenta, de modo que paulatinamente deixem de ser representados elementos

⁸ Lowenfeld – Brittain. Desenvolvimento da Capacidade Criadora.

inanimados ou sem detalhes, os quais venham a ser substituídos por representações que expressem maiores detalhes, principalmente de caráter cartográfico. Estes poderão estar refletidos na escala de representação entre a casa e a escola, na relação de localização e direção, como “Norte e Sul” e “mais acima ou mais embaixo”, entre outras, bem como apresentar outros detalhes e características como paisagens e transformações espaciais. Queremos também conscientizar os professores das séries referentes, da importância do incentivo de atividades desta ordem em sala de aula, com tais atividades, poderá ser proporcionado aos alunos uma base mais aprimorada para o ensino que receberão nos anos seguintes, a fim de que possam obter melhor desempenho, como por exemplo, nas aulas de Geografia.

Palavras-chave: percepção, cartografia e geografia

4.3. POSTERS

A CONSTRUÇÃO DE MAQUETES NO ENSINO DE GEOGRAFIA

ANDRÉ GOMES DA CONCEIÇÃO
MARIA DE FÁTIMA PEREIRA ABRANTES
IGEO/UFRJ
fatinha@igeo.ufrj.br

O ensino da geografia necessita da cartografia para tornar concreto o que está sendo estudado, ou seja, tornar possível analisar um movimento ou evento, num mapa, apesar de toda fluidez que muitos processos estudados tenham, como o clima, os fluxos de pessoas, de mercadorias, etc. Assim torna-se imperativo a utilização do mapa para a geografia. O mapa é ao mesmo tempo imagético e discursivo, se põe como denominador comum entre o que é da ordem visual e o que é da ordem do auditivo. O aluno leva a aula para casa, pois o quê se quer estudar está impresso no mapa. A escrita permite interpretações que transcendem muitas vezes as idéias e a percepção do professor, que ao invés de negar o que foi dito pode complementar a aula, pois ali está uma representação da realidade, e a nossa vivência e individualidade nos permitem uma análise única. Nesse momento surgem os problemas, pois uma análise da escrita só existe se esta é entendida pelo leitor, se o alvo que é o aluno consegue ler o mapa para chegar a uma interpretação crítica. Temos que entender o mapa como um produto social, e a sua leitura tem que ser aprendida, ao contrário de instintos naturais comuns ao homem. Este é o desafio, ensinar a ler o mapa para se ensinar geografia.

Assim, aprender orientação, ler uma legenda, entender uma fronteira e estabelecer um limite, ou perceber as escalas apresentadas, significam importantes passos que o aluno deve dar para começar inclusive um estudo mais abrangente e crítico da geografia. Esse trabalho vai tentar mostrar como a leitura de mapas (entendimento das convenções cartográficas e interpretação do representado) pode ser facilitada com a construção de uma maquete e, no caso específico, de uma maquete fruto de um mapa hipsométrico e um mapa de domínios morfoclimáticos, ambos na mesma escala global. Podemos analisar a leitura de um mapa de cotas de altitudes, que tenta mostrar a tridimensionalidade do espaço num plano bidimensional, numa folha de papel. É inegável que esta transferência, de imaginar algo tridimensional desenhado em duas dimensões, pressupõe poder de abstração, diretamente proporcional à maturidade. Sendo assim, quanto mais jovem o aluno, maiores serão as dificuldades de trabalhar este tipo de mapa. A maquete representa o mesmo espaço sem haver a necessidade da transferência de uma dimensão para outra e, conseqüentemente, torna mais fácil o entendimento por parte da criança. Dessa forma, a maquete apresentará de fato um lugar mais alto que outro, não necessitando da interpretação e abstração que farão do lugar com cor diferente ou envolto pela mesma curva de nível, mais alto que os próximos.

Palavras-chave: maquete, maturidade, abstração